

EDITORIAL

O ENSINO DO PORTUGUÊS

Dr. Antônio Gomes da Costa

A polêmica criada recentemente em Portugal em torno da migração do estudo de *Os Lusíadas* para o último ano do curso secundário e da erradicação dos programas de autores como Gil Vicente, Camilo Castelo Branco ou Cesário Verde, traz, em seu bojo, mais duas questões que podem ser transpostas e discutidas no Brasil. A primeira, tem a ver com a qualidade do ensino da Língua materna, e a segunda, com o hábito, ou o prazer, da leitura.

No que se refere à aprendizagem do idioma, lá como cá, é notório o rebaixamento do nível dessa aprendizagem e o desastre em que se constituíram algumas reformas e experiências pedagógicas levadas a cabo nos dois países. Os alunos, ou uma boa parte deles, terminam os cursos com deficiências medonhas no que diz respeito ao conhecimento do vernáculo – é na gramática, é no léxico, é na interpretação – e, pior do que tudo, saem da escola com uma repulsa ao Português só comparável à rejeição que sentem pela Matemática.

Como corolário da má aprendizagem e da falta de gosto pela matéria, os estudantes não lêem, ou lêem muito pouco, durante o ciclo escolar, e depois que vão para casa ainda lêem menos.

Para alguns, as leituras obrigatórias são uma violência da escola tradicional e porque impostas como o caldo de grelos, geram reações contrárias: nunca mais, lembrando-nos da imposição dos grelos, admiramos a “vichysoie” ou a “sopa de pedras”. Por ser assim, há que aliviar os alunos do dever da leitura e da redação, ou de decorar as desinências dos verbos irregulares. E é nessa linha que se pretende agora empurrar o Camões para o fim do curso e esquecer a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto, ou *Os Maias* do Eça de Queirós. Sirva-se, antes, nas salas de aula, os relatos dos jogos de futebol ou tragam-se as “informações da mídia”, que sempre são mais úteis do que a narrativa do Adamastor e os conselhos do Sr. Afonso da Maia.

Já outros pensam de forma diferente, e apontam o exemplo dos países mais desenvolvidos como a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, ou a Itália, onde os jovens, por volta dos 14 anos, já conhecem os principais autores de sua Língua e mesmo alguns clássicos da literatura mundial. E quem não adquirir na escola o gosto de ler, mais tarde dificilmente abrirá um livro... Resultado: deixa-se às tecnologias de informação e comunicação o encargo de combater a indigência cultural das novas gerações, e os livros mais procurados nas bibliotecas, a despeito dos programas de animação, passarão a ser os dicionários.

A propósito, é curioso assinalar o contraste que existe entre o relaxamento oficial no ensino do idioma e o reconhecimento deste como um dos valores fundamentais da identidade nacional. Por um lado, negligencia-se a aprendizagem escolar e, por outro, enche-se a boca com o fato de termos uma das línguas mais faladas do mundo como patrimônio comum e traço da própria nacionalidade.

Tem razão Vasco Graça Moura quando diz que o Português aprende-se com o apoio constante e conseqüente dos grandes autores que nele escreveram. E, decerto, não deixa de ser uma bizarría tirar dos currículos a leitura de *Os Lusíadas* ou do *Dom Casmurro* para pôr em seu lugar a reportagem *on line* da CNN...
